

UM GRANDE SÍTIO DO AGRESTE PERNAMBUCANO DE VOLTA À FURNA DO ESTRAGO

Pedro Ignácio Schmitz¹

RESUMO

A Furna do Estrago é um sítio arqueológico do Agreste pernambucano, sobre o qual já se escreveu muito. A retomada quer produzir uma narrativa unificada do sítio, que seja de mais fácil leitura que os fragmentos publicados. Baseia-se em releitura das informações editadas, nas anotações do diário e nas fotografias do autor. O novo texto apresenta o sítio e seu entorno como plataforma para entender a implantação e o uso, relê a formação das camadas para proporcionar uma ideia do ambiente de deposição e da ocupação humana nos diversos momentos, busca nos restos minerais, vegetais e animais uma aproximação às atividades exercidas e, em nova olhada sobre os sepultamentos, busca regularidades em sua deposição e diferenças nos depositados. Finalmente o coloca em seu contexto regional na arqueologia do Nordeste semiárido.

Palavras-chave: Abrigo rochoso; Nordeste semiárido; Caçadores-coletores.

ABSTRACT

Furna do Estrago is an archaeological site of a semiarid landscape of the Brazilian Northeast, in the state of Pernambuco, with numerous preceding bibliographic references. The new test aims to produce a unified narrative about the site, easier to read than the published fragments. It is based on the edited information and on the author's field notes and photographs. The text presents the site and its environment as support for the comprehension of its implantation and use; reads anew the stratigraphy to provide a better idea about the deposition and the occupation at different moments; through the examination of the mineral, vegetal and animal residues seeks to apprehend the human activities; and, in a new look on the graves, seeks for regularities in the burials and differences in the deposition of the corpses. Finally places the site in the regional archaeological context of the semiarid Brazilian Northeast.

Keywords: Rockshelter; Semiarid Brazilian Northeast; Hunter-gatherers.

¹Docente, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, IAP/Unisinos.

A Furna do Estrago é um sítio arqueológico representativo do Agreste pernambucano, sobre o qual já se escreveu muito. O enfoque principal tem sido ecológico. Para uma informação geral sobre ele pode ser visto o pequeno volume de Lima, Schmitz, Mendonça de Souza & Beber (2012). Sua retomada neste artigo tem por objetivo oferecer um delineamento mais preciso de algumas de suas características e mostrar seu lugar no contexto regional do Nordeste brasileiro. Início o trabalho resumindo a informação básica publicada no volume.

Marcos Albuquerque (UFPE), em busca de pinturas rupestres, em data não conhecida, encontrou o abrigo, mas não insistiu no trabalho. Jeannette Maria Dias de Lima (Unicap), em levantamento arqueológico e paleontológico na área adotou o abrigo e, com o auxílio de estagiárias, em fins de semana, no segundo semestre de 1982 e primeiro semestre de 1983, escavou aproximadamente 10 m², a partir da entrada até o meio do abrigo rochoso. Ela resgatou principalmente sepultamentos, correspondentes a 30 indivíduos humanos.

32

Jeannette D. de Lima (Unicap), Pedro Ignácio Schmitz (Unisinos) e Breno João Lermen (Unicap), de 11 a 18 de dezembro de 1983, escavaram 4 m², no meio do abrigo rochoso, em continuidade ao trabalho anterior. Encontraram sepultamentos correspondentes a 27 indivíduos humanos e se deram conta de que o sítio teve ocupações sucessivas a partir do começo do Holoceno, sendo no período final usado como local de sepultamentos. Por várias circunstâncias o trabalho não pôde ser perfeito, especialmente porque numerosos sepultamentos foram aparecendo, uns sobre os outros, e precisavam ser recolhidos, num prazo extremamente curto, para não serem, posteriormente, depredados. Além da documentação dos sepultamentos, feita por Jeannette M. D. de Lima, o diário de Schmitz (in Lima et al., 2012: 117–126) relata essa escavação. Amostras de carvão da escavação foram datadas pelo laboratório da Smithsonian Institution, Washington, DC.

Jeannette M. D. de Lima, Pedro Ignácio Schmitz, Jean Marie Boulange, Vlademir Luft e estagiários, a partir de 8 de julho de 1987, em 4 semanas, escavaram aproximadamente 15 m², encontrando sepultamentos de mais 23 indivíduos humanos. Foi um trabalho mais controlado e documentado. Fotos de Schmitz dessa etapa foram publicadas em Lima et al. (2012: 129–140). O diário escrito não estava disponível na ocasião.

As intervenções, realizadas no espaço central, mais resguardado das chuvas e dos ventos, atingiram um total de 29 m² dos aproximadamente 125 m² cobertos do abrigo. A superfície restante é composta, no lado esquerdo, por blocos caídos e, no lado direito, por sedimentos de pouca profundidade. As camadas arqueológicas, na parte escavada, alcançavam uma espessura de 1,40 m. Os materiais, de modo geral, se encontravam bem conservados. A cronologia se estende de caçadores-coletores do começo do Holoceno até o primeiro milênio de nossa era.

Essas intervenções se restringiram às camadas holocênicas, detendo-se quando aparecia à superfície do Pleistoceno. Os sedimentos foram removidos acompanhando a deposição natural tanto quanto possível, pois havia numerosas covas e perturbações, e foram peneirados. Os sepultamentos foram individualmente expostos, descritos, desenhados e fotografados.

Jeannette M. D. de Lima relata em sua tese inconclusa (LIMA, 2001; LIMA et al., 2012: 21–22) que, em data hoje não sabida, aprofundou a escavação, removendo camadas pleistocênicas numa extensão de 3 x 2 m, até 3 m de profundidade, supostamente no espaço anteriormente escavado, não mais encontrando testemunhos de presença humana. Não fala de outras intervenções.

Os esqueletos humanos e os outros materiais escavados, além da documentação produzida, foram recolhidos para a Unicap, no Recife. Os resíduos fecais foram encaminhados para análise à Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro; alguns esqueletos foram, posteriormente, datados na Beta Analytic Inc. por iniciativa de Sheila M. F. Mendonça de Souza.

As escavações na Furna do Estrago resultaram em numerosos trabalhos escritos, dissertações e teses, entre os quais vale destacar a dissertação de mestrado de Jeannette M. D. de Lima na UFPE (1986), estudando os resultados das intervenções até 1983 inclusive; a tese inacabada de Jeannette M. D. de Lima na Universidade Autônoma do México (2001), buscando uma síntese dos resultados de todas as intervenções; a tese de doutorado de Sheila M. F. Mendonça de Souza, na Escola de Saúde, Rio de Janeiro (2005), estudando os esqueletos humanos.

Houve também dissertações e teses sobre os materiais encaminhados ao Instituto Oswaldo Cruz. Partes importantes da dissertação e da tese inacabada de Jeannette M. D. de Lima foram reunidas num pequeno volume editado por Pedro Ignácio Schmitz (LIMA et al., 2012); para este volume Sheila M. F. Mendonça de Souza atualizou a bibliografia e a relação dos trabalhos produzidos até a data, e o organizador acrescentou seu diário de campo de 1983 e fotos das atividades de 1987, mas não o diário escrito, que no momento estava extraviado. Seu recente encontro levou a essa retomada, na qual se ampliam questões menos bem resolvidas no trabalho publicado e se coloca o sítio em seu contexto regional.

Tanto a tese de doutorado de Jeannette M. D. de Lima como a de Sheila Mendonça de Souza tinha enfoque ecológico, destacando aspectos da cultura e da biologia humana relacionados com a paisagem semiárida do Nordeste brasileiro. Para tirar o sítio do isolamento e colocá-lo em contexto regional nos valem de informações de Gabriela Martin em sua excelente Pré-História do Nordeste do Brasil (MARTIN, 1997).

A retomada quer produzir uma narrativa unificada do sítio, de mais fácil leitura que os

Ele mede 19 m na boca, voltada para Nordeste, altura máxima de 4,80 m e profundidade de 8,80 m. O teto inclina suavemente em direção ao fundo, para onde também as paredes convergem. Assim foi criado um espaço abrigado de 125 m², dos quais 77 m² com piso de sedimentos, no centro e à direita, e 48 m² ocupados por blocos desabados do teto ou carregados para dentro por grandes enxurradas, no lado esquerdo.

O piso, na área dos sedimentos, é limpo e suavemente inclinado para o fundo, onde há vestígios de um sumidouro. Sobre os blocos ele é mais irregular, mas bem transitável, e se inclina do lado esquerdo para o centro. Quando a água da encosta entrava no abrigo, em tempo de grandes chuvas, especialmente durante o Ótimo Climático, ela penetrava pelo lado esquerdo, lavava o centro e desaparecia pelo fundo. Mas durante todo o Holoceno, com exceção do Ótimo Climático, o abrigo era seco.

A parte mais abrigada dos ventos e do respingo da chuva era o centro do abrigo. Nele as camadas sedimentares alcançavam 1,40 m de espessura e guardavam, em bom estado, os testemunhos das populações humanas que usaram o espaço, desde a transição do Pleistoceno para o Holoceno até os primeiros séculos de nossa era. Com o acúmulo dos sedimentos o fundo do abrigo se foi tornando menos acessível, porque o teto ficou muito próximo do piso.

35

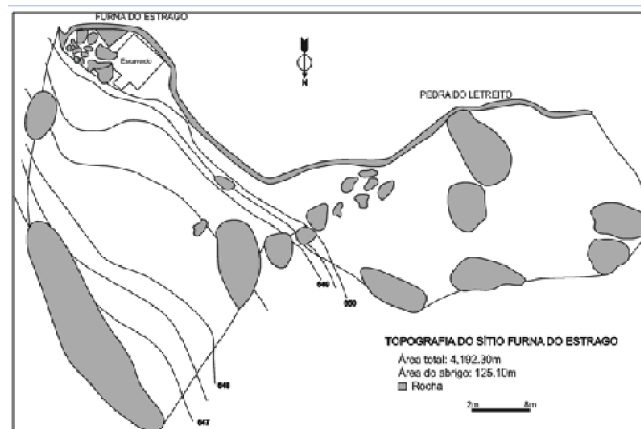


Figura 2: Planta do sítio com o espaço próximo.

O sítio arqueológico não é formado só pela superfície abrigada. Dele é parte essencial o patamar de quase 3.000 m² na sua frente, espaço emoldurado por altos blocos rochosos, também desprendidos da encosta granítica; estes o separam da encosta declivosa que dá para uma reduzida planície úmida, testemunha de antiga lagoa. Nas bordas dos blocos se formaram pequenos abrigos complementares. De cima desses blocos se domina todo o vale fronteiro, do riacho Brejo da Madre de Deus, afluente do Rio Capibaribe e a encosta acima

do abrigo até o topo da serra. Um desses blocos, distante 67 m do abrigo principal, chama-se Pedra do Letreiro, porque nele se conserva um conjunto de pinturas antropomorfas; pinturas semelhantes havia no teto do abrigo, mas elas estão irreconhecíveis.

Os blocos da encosta são o hábitat de pequenos marsupiais e roedores, como o mocó e ratos variados, cujas fezes se acumulavam na superfície e na subsuperfície; também de numerosos répteis, como lagartos, camaleões e serpentes. Os ossos desses pequenos animais aparecem em grande quantidade nos lugares de fogo dos últimos milênios de ocupação. Na sombra das árvores do entorno dos blocos também se multiplicavam anfíbios e moluscos terrestres, mais comuns nas camadas do começo do Ótimo Climático.

Este seria o espaço íntimo de todos os grupos que usaram o abrigo, seja para acampamentos duradouros ou transitórios e, também, para os que depois vieram enterrar seus mortos à sombra do grande bloco. Ele se destacava bem no ambiente e era de fácil localização.

Faz parte do sítio também seu entorno próximo. A 300 m, no pé da serra, existia uma lagoa permanente, agora entulhada, que era abastecida pelo riacho do Estrago. Junto à desembocadura do riacho, na borda da lagoa e em outros lugares de mais umidade no pé da serra, o solo era mais profundo e com maior umidade e sustentava uma vegetação mais alta, formando uma área de tensão ecológica entre a caatinga e a mata. Este ecótono oferecia variedade de frutas, alimentava peixes e atraía mamíferos para a água e a sombra das árvores, favorecendo a presença de caçadores-coletores, e oferecia solos para cultivadores que aí se quisessem estabelecer. Para todos eles o abrigo seria a referência para acampar ou para depositar seus membros falecidos. Há informações de que, ao pé da serra, existiam outros abrigos, mas talvez este oferecesse melhores condições por causa da lagoa.



Figura 3: Vista do pé de monte onde estava a lagoa, agora assoreada, servindo o terreno para plantação de cenoura e o resto de mata.

O entorno ampliado inclui, no alto da serra, 11 km distante do sítio, a Mata Serrana do Bituri, um brejo de altura de 41 km², com solos ricos, muitas frutas e variedade de animais, importante tanto para caçadores-coletores como para cultivadores; e no terreno plano estava a caatinga, com frutos sazonais e outros recursos vegetais permanentes; em seus rios e riachos, numerosos peixes.

Dentro desse ambiente podemos examinar a ocupação do abrigo. Suas camadas nos informam sobre as modificações do ambiente no espaço coberto e sobre as formas de utilização do abrigo.

AS CAMADAS ARQUEOLÓGICAS

No centro do abrigo, onde os caçadores-coletores deixaram as camadas mais espessas de cinza de seus acampamentos e onde também se concentraram os sepultamentos dos últimos usuários do espaço, os estratos arqueológicos foram muito cortados pelas covas dos sepultamentos e por outros buracos, como se pode ver em Lima et al. (2012: 25 e 26). Os estratos se encontram mais inteiros no corte 7, no fundo do abrigo, onde o teto ficava muito perto do solo e dificultava a circulação e o enterramento. Usamos esse corte como referência para delimitar as camadas holocênicas, partindo da superfície do solo. Os dados são diários.

37

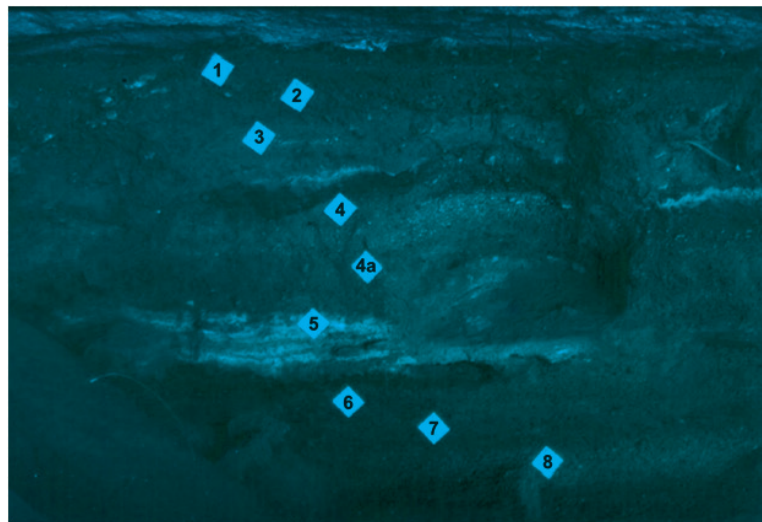


Figura 4: As camadas arqueológicas do abrigo entre o corte 6 e o corte 7.

Camada 1, variando entre 5, 10 e 15 cm de espessura, sedimento solto, com granulação de tamanhos de silte, areia e seixos de feldspato de até 1 cm, com fragmentos de cerâmica, ossos, cinza e carvão, mais uma grande quantidade de excrementos de pequenos animais cavernícolas, como o mocó e o punaré. Ambiente seco no abrigo.

Camada 2, de 10 a 15 cm de espessura, sedimento cinza-escuro, inconsolidado, com muita cinza, muitas folhas soltas, grandes fragmentos de carvão, ossos humanos desconjuntados, inteiros, quebrados quando ainda com colágeno, ou quando já velhos, alguns parcialmente calcinados, palhas de esteiras, excrementos e ossos de pequenos roedores, fragmentos de carapaças de moluscos, restos de frutas e sementes, pequenos blocos tombados. No geral do abrigo, a camada apresentava muitas perturbações, mas no centro e em direção à boca se conservavam lentes mais espessas e compactas de cinza, com fragmentos cerâmicos in situ. Fragmentos cerâmicos foram recuperados também em outros espaços do abrigo.

A camada sinaliza um ambiente seco, de modo a conservar bem os elementos orgânicos, tanto vegetais, como animais e humanos.

38

Há deposições de ossos ou esqueletos humanos em cima ou dentro da camada. As bocas de covas de sepultamento, cujos esqueletos eram encontrados em profundidades às vezes bem grandes, mostravam coincidir com essa camada ou com sua base. Para um sepultamento primário (FE 87.12) e um secundário (FE 87.09), foi possível demonstrar associação com cerâmica, um fragmento por baixo de cada um dos respectivos esqueletos. Na escavação de 1983, também se observou associação de cerâmica com sepultamentos, mas não houve uma anotação precisa.

Há clara indicação de que os sepultamentos primários, os secundários e as deposições de ossos desconjuntados eram feitos a partir dessa camada, ou da superior, não havendo documentação de nenhum sepultamento partindo de camadas inferiores.

A atividade principal na formação dessa camada foi o sepultamento de mortos trazidos de fora, com acendimento de pequenos fogos acompanhados de consumo de frutas e pequenos animais. Também se fez a cremação de ao menos um indivíduo, de cujo corpo inteiro se recuperaram fragmentos ósseos. Outros ossos, inteiros ou quebrados, vieram da perturbação de sepultamentos por ocasião da abertura de covas para novas deposições. Alguns desses ossos foram novamente depositados, outros jogados no fogo ou atingidos por ele. Alguns foram cortados; e as arestas, polidas.

De um denso estrato de carvão da parte superior dessa camada vem a data de 1040 +- 50 anos A.P. (SI-6295). Esqueletos de sepulturas, que se supõe tenham sido abertas a partir dessa camada, estão datados de 1610 +- 70 anos A.P. (Beta-145955), esqueleto FE 45; 1730 +- 70 anos A.P. (Beta-149749), esqueleto FE 87.23; 1860 +- 50 anos A.P. (Beta-145964), esqueleto FE 18 (LIMA et al., 2012).

Camada 3, pacote de sedimentos de tonalidades entre marrom e cinza, desagregados;

junto aos blocos caídos da esquerda, estratos mais espessos de cinza, em outros lugares mais carvão granulado, seixos irregulares de feldspato e pequenos blocos de rocha. A camada, que apresenta buracos de lixo, também é atravessada por muitas covas de sepultamento. Na parte superior, de 15 a 20 cm de espessura, entre níveis de cinza com muitos ossos queimados de pequenos roedores, se conservaram antigos estratos de folhas secas, também trançados, cordoaria, restos de frutas, excrementos de mocó. Na parte inferior, mais fina, desses níveis de cinza aparecem, como “sombrias”, lentes de cor marrom com muito carvão. Os fogos indicam que no abrigo houve repetidos acampamentos com regular consumo de frutas e apanha de pequenos roedores, em menor quantidade de moluscos terrestres. Não se pode excluir, a priori, que algum desses acampamentos tivesse acompanhado um sepultamento, que seria dos mais antigos do abrigo, mas para isso não há nenhum documento.

A camada representa um período posterior ao Ótimo Climático. A parte inferior, mais escura, apresenta-se como transição de um período úmido para um seco dentro do abrigo. Infelizmente esta camada não foi datada.

A camada 4, de 20 a 30 cm de espessura pode ser dividida em duas partes. A superior é de sedimento marrom-claro, muito desagregado, composto predominantemente por seixos de feldspato da ordem de 4 a 10 mm, mas podendo chegar a mais de 2 cm, com pouco sedimento fino; insinua que o sedimento fino teria sido lavado por penetração, pelo lado esquerdo, de água, que, atravessando o centro, sumia pelo fundo do abrigo, onde há indícios de um sumidouro; também não se exclui gotejamento do teto no centro e respingo junto da boca, que ajudariam a compactar ou dissolver os estratos com mais cinza. O sedimento contém grãos de carvão soltos, como se tivessem sido rolados ou lavados. Na parte inferior da camada os sedimentos são de uma tonalidade marrom mais escuro, com seixos semelhantes, mas em quantidade menor em meio a sedimentos finos mais abundantes, também sem carvão.

A camada 4 representa o Ótimo Climático. Os restos de anfíbios e répteis estão no seu auge; e os de pequenos mamíferos e aves, em redução. A parte inferior da camada contém muitos caramujos terrestres inteiros e quebrados, que chegam a formar bolsões com numerosos exemplares, indicando aumento da umidade ambiental e crescimento de mata, que é o hábitat desses moluscos.

Percebem-se dois momentos na formação da camada: na parte inferior, aumento da umidade, mas sem lavação dos sedimentos finos; na parte superior, a penetração de água pelo lado esquerdo e gotejamento do teto, levando à seleção dos sedimentos. Sobre essa parte superior vão se formar as fogueiras cheias de ossos de pequenos mamíferos da

camada 3, indicando já um ambiente mais seco dentro do abrigo.

A camada 4 representa um período com menos evidências culturais, mas com muitos elementos vegetais e animais.

A camada 5, de 20 a 30 cm de espessura, é formada por sedimentos consolidados, compostos predominantemente por cinza, em faixas com matizes de branco, bege, marrom a cinza-escuro; eles são mais claros e conservados no lado esquerdo, junto aos blocos caídos, onde o abrigo era seco; são escurecidos, misturados com sedimentos semelhantes aos da camada 4 inferior e perturbados por buracos, em direção ao centro, onde o abrigo teria alguma umidade. Na área mais preservada, podem ser distinguidas até 8 faixas de cinzas, de matizes crômicos variados, que sucedem umas às outras sem descontinuidade, demonstrando permanência de fogos no espaço protegido. Em direção à boca do abrigo essa camada se torna menos destacada.

40 A camada se assenta, especialmente junto aos blocos caídos da esquerda, sobre um piso de pequenas lajes desprendidas do teto. Sobre estas e, se aprofundando em suas descontinuidades, a cinza acumulada testemunha fogos prolongados. Também fora do espaço dessas lajes, em direção ao centro do abrigo, onde havia mais umidade, há aprofundamentos, alguns maiores, guarnecidos ou não por pedras e cheios de carvões, indicando outros lugares de fogo.

Os desprendimentos do teto, que formam a base da camada, sugerem transição climática. A compactação dos sedimentos indica alguma umidade no abrigo e no seu exterior, que se reflete nos resíduos vegetais e animais recuperados: os caroços de frutas das camadas superiores desaparecem, os restos de mamíferos e aves se reduzem, mas continuam bastante altos os índices de répteis, anfíbios e moluscos. Caramujos terrestres (*Strophocheilidae*) inteiros, quebrados ou calcinados formam bolsões na transição para a camada 4, que representa o Ótimo Climático, um período mais úmido.

A camada mostra ocupação continuada, com os fogos deixando deposição ininterrupta de cinzas.

Para a camada existem duas datas, feitas a partir de carvão: na parte inferior, 9150 +- 90 anos A.P. (SI-6297); na parte superior, 8405 +-70 anos A.P. (SI-6296). As datas localizam a ocupação no começo do Holoceno e sinalizam uma longa duração.

A camada 6, de uns 15 cm de espessura, representa um período de desocupação, ou pouca ocupação, semelhante à camada 4. O sedimento é mais fino que naquela. Junto às rochas caídas, à esquerda, ela é separada da camada 7 por um fino piso de pequenas lajes de granito. Nas outras áreas não se nota esse piso, nem se consegue separar a camada 6 da

camada 7.

Na camada 6, aparecem poucos restos animais e vegetais, mas certa quantidade de material lítico em quartzito, sílex e jaspe, raramente em basalto.

A camada 7, com menos de 10 cm de espessura, é semelhante à 6, mas tem um nível de cinza, com muito carvão, incluindo cocos quebrados, além de lugares de fogo armados com pedras. Ela é mais espessa contra os blocos caídos e se confunde com a 6 em direção ao centro e à boca do abrigo. Representa a primeira ocupação do abrigo, datada de 11060 +- 90 anos A.P. (SI-6298).

Ela repousa sobre a camada 8, pleistocênica, de sedimento marrom-amarelado, compacto, com bastantes seixos de feldspato, sem qualquer material que indique presença humana. A primeira escavação foi aprofundada até 10 cm dentro dela. Posteriormente, Jeannette M. D. de Lima continuou a escavação até 3 m de profundidade e também não encontrou vestígios de ocupação humana. Sua descrição das camadas pode ser vista em Lima et al., 2012:21 e 22.

Assim podemos ler a ocupação do abrigo. No fim do Pleistoceno, ele era mais alto e se estendia mais em direção ao fundo, onde hoje mal se pode chegar. A parte central era mais abrigada do vento e da chuva e ali houve os primeiros acampamentos. Depois de alguns séculos começou uma ocupação continuada, que deixou espessas camadas de cinza. No Ótimo Climático, as camadas de cinza desaparecem, provavelmente porque a água da chuva na ladeira, invadindo o abrigo, dissolvia a cinza. Não está claro se a ocupação do abrigo persistiu ou se ele ficou desocupado durante muito tempo. Passado esse período, o abrigo se torna seco outra vez e volta a ser ocupado regularmente, deixando camadas de cinza e lugares de fogo com muitos ossos de pequenos roedores e restos de frutas. Nas duas camadas superiores, o espaço continua seco, com ocupações temporárias; a partir dessas camadas se realizam os numerosos enterros, primários, secundários e de cremação.

41

A ALIMENTAÇÃO

Construímos este item com os dados publicados de Lima (LIMA et al., 2012: 28-41). Os restos vegetais e animais recuperados nas camadas arqueológicas correspondem principalmente à ocupação milenar de caçadores-coletores, que ali acampavam ora por longos, ora por curtos períodos.

Em todas as camadas, no abrigo inteiro, existem restos vegetais e animais trazidos pelo homem; alguns ossos, conchas e vegetais podem ter sua origem em animais que viveram e morreram no lugar ou foram trazidos por eles, mas a amostra é representativa e confiável porque a maior

parte dos elementos vem de dentro de estruturas de fogo, e muitos sofreram queima.

A quadrícula 7, com 5,5 m² de superfície escavada, no fundo do abrigo, proporcionou a amostra mais confiável, porque ela era predominantemente seca e não perturbada, com apenas uma cova de sepultamento. Ali o teto chega tão perto do chão que só de rasto mal se alcançaria; isso tornaria difícil, se não impossível, para os que enterravam seus mortos no abrigo permanecerem no lugar e fazerem ali suas refeições; nem há indícios de que ali tenham depositado lixo intencionalmente. Com isso, os restos recuperados nas camadas da quadrícula podem ser atribuídos, com bastante segurança, aos caçadores-coletores, que acampavam no abrigo.

Na quadrícula 7, foram recuperados 22.004 ossos de pequeno porte, 71 conchas inteiras de gastrópodes terrestres, seis quilos e oitocentos gramas de fragmentos de conchas e uma variedade de pequenos gastrópodes que não serviriam de alimento humano. Dos ossos, 4.219 foram identificados, 7.845 foram agrupados pela aparente semelhança morfológica, 9.940 não eram identificáveis.

42 No material classificado, predominam pequenos mamíferos: roedores representados por mocó (*Kerodon rupestris*) e preá (*Galea spixii*), da família Caviidae; em menor proporção por punaré (*Cercomys* sp.), da família Echimyidae, rato catita, da família Cricetidae e cutia (*Dasyprocta* sp.), da família Dasyproctidae; catito (*Monodelphis* sp.), da família Didelphidae; tatu, da família Dasypodidae; pequenos macacos, da ordem Primatas, e vestígios de veados, da ordem Artiodactyla.

Na classe de Aves, foi identificada a pomba, da família Columbidae.

Na classe Amphibia, rãs e sapos, da ordem Anura.

Na classe Reptilia, o camaleão (*Iguana iguana*), da família Iguanidae; o teju (*Tupinambis teguixin*), da família Teiidae; cobras das famílias Boidae e Colubridae; jabuti, da família Testudinidae.

Na classe Gastrópoda, foram identificadas as famílias Megalobulimidae, Odontostomidae, Bulimulidae, Subulinidae, Helicinidae e Ampullariidae. Na coluna dos moluscos da tabela abaixo, estão contabilizados apenas os gastrópodes da família Megalobulimidae, os grandes caramujos do mato.

CAMADA	MAMMALIA	AVES	REPTILIA	AMPHIBIA	MOLLUSCA
1	17	4	7	5	1
2	219	19	27	19	1
3	1.083	328	137	95	-
4	988	74	211	150	43
5	322	37	148	97	22
6	72	6	9	36	4
7	22	1	3	12	-
TOTAL	2.723	469	542	414	71

Tabela 1: Distribuição Estratigráfica do Material Ósseo Identificado no Corte 7 da Furna do Estrago.

Lendo a tabela da representação das classes animais, observa-se que todas elas estão representadas em todas as camadas, com exceção dos caramujos do mato, que apresentam falhas na distribuição vertical. O significado da representação das classes nas camadas proporciona outra compreensão quando a comparamos com o grau de umidade sugerido pelas estruturas: nas camadas 7 e 6 o ambiente parece seco; na camada 5 aumenta a umidade, tendo seu clímax na camada 4; nas camadas 3, 2 e 1, temos, outra vez, ambiente seco. Também ajuda comparar a distribuição vertical com as camadas de cinza dos acampamentos: elas são espessas e consolidadas na camada 5, ausentes (dissolvidas ou lavadas?) na 4, médias e mais soltas na 3. A presença de caçadores-coletores é muito marcada na camada 5 e na camada 3; na camada 4, se tomarmos em consideração apenas as camadas de cinza, pareceria ter havido uma diminuição ou interrupção, mas os materiais continuam abundantes e insinuam continuidade.

Na classe Mammalia, observa-se grande crescimento na camada 4, de período úmido, com clímax na camada 3, período seco posterior. Na classe Aves, o clímax está na camada 3, seca. Os répteis são numerosos nas camadas 5, 4 e 3, com o clímax na camada 4, período úmido. A mesma tendência é a da classe Amphibia e da classe Mollusca.

Esses animais tinham seu hábitat no entorno do sítio, entre blocos rolados da encosta cercados de vegetação rala, variada, mas também com algumas árvores, e caracterizam a atividade de apanha de animais por caçadores-coletores enquanto estavam acampados no abrigo.

Os ossos de animais usados como adorno pelos indivíduos enterrados a partir das duas camadas superiores indicam para essa população um espectro mais amplo de apropriação. Cinco crânios de mamíferos não identificados aparecem sobre o peito de FE 87.6; crânios

de primatas estavam associados a FE 22 e FE 87.8; felinos estão representados no colar de 62 dentes usado por uma mulher (FE 2), no colar de 23 dentes em um homem (FE 87.13) e no colar de 22 dentes em uma criança (FE 87.22); três bicos de ave com as respectivas cabeças estavam sobre o peito de FE 87.23; espátulas de osso de cervídeo estão presentes em FE 5 e FE 15; flautas feitas sobre osso longo de mamífero do porte de veado aparecem, uma em FE 11 e duas em FE 87.16. O grande número de colares feitos a partir de ossos longos de aves e de mamíferos também indica intensidade e variedade de caça.

Finalmente, colares de conchas marinhas, especialmente de *Olivella nivea*, em FE 2, FE 7 e FE 87.2, mostram que havia alguma ligação com o litoral oceânico.

As mesmas camadas do corte 7 também proporcionaram vestígios das plantas utilizadas como alimento, remédio, artesanato e combustível. Sua conservação era dependente do teor de umidade no abrigo e se conservaram melhor os que tinham caroço ou cascas duras e estavam carbonizados.

44

O botânico Marcelo Ataíde, da Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária, fez uma primeira identificação de plantas a partir de vestígios recuperados nas camadas. Algumas dessas plantas têm como hábitat a caatinga; outras, a mata. O fato de elas estarem reunidas no sítio não significa que elas tenham sido trazidas de lugares diferentes, mas que o sítio estava numa área de tensão ambiental que reunia elementos de caatinga e elementos de mata. Os terrenos planos do entorno maior e as altas encostas rochosas por cima e ao redor do abrigo seriam favoráveis para o desenvolvimento de plantas da caatinga, o entorno imediato, da margem da lagoa e da baixa encosta, para plantas de mata. Um ambiente caracterizado como de tensão ecológica, com elementos de caatinga e elementos de mata, era favorável tanto para grupos caçadores-coletores móveis como para os mais estabelecidos e cultivadores. Esta pode ser a razão da continuidade e intensidade de ocupação do abrigo durante todo o período holocênico.

Marcelo Ataíde identificou vestígios de frutos, sementes e fibras, de ambiente de caatinga, como coco-jussara (*Attalea* sp.), coco-ouricuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.), coco-catulé (*Syagrus oleracea*), ameixa-de-espinho (*Xomenia* sp.), gindiroba (*Fevillea trilobata* L.), faveleira (*Cnidoscolos* sp.), capitão-do-campo (*Strychnos* sp.), imbu (*Spondias tuberosa* Arr. Cam.), além de fibras de caroá (*Neoglaziovia variegata* Mez.) e madeira de angicomjonjolo (*Piptadenia zehntneri* Harms) e de angico-vermelho (*Pitadenia macrocarpa* Benth.). Mas também de frutos de ambiente de mata, como de jatobá (*Hymenaea* sp.), de xixá (*Sterculia* sp.) e de coquinho (*Syagrus baccata*). Esses três gêneros, caracterizados como de mata, ajudam a caracterizar o entorno do sítio como área de tensão ecológica. Sua presença pode ser explicada sem necessidade de inferir ambiente de mata fechada,

como a do Bituri do alto da serra, no entorno do sítio. Sementes trazidas de migrações pela mata serrana poderiam ter favorecido ainda mais sua multiplicação.

O mesmo botânico também identificou certo número de outras plantas, de porte pequeno e médio, que crescem em ambiente de grandes blocos, onde existem espaços úmidos e ensombrados, terrenos pedregosos ou de pouco solo e rochas expostas sujeitas a forte incidência solar. Foram identificados os gêneros *Adiantum*, *Angelonia*, *Begonia*, *Clusia*, *Comelina*, *Cyrtopodium*, *Dioscorea*, *Ditassa*, *Doryopteris*, *Euphorbia*, *Mandevilla*, *Micrograma*, *Mimosa*, *Portulaca*, *Tibouchina* e *Tillandsia*.

Em coprólitos recolhidos de esqueletos depositados no sítio, Sérgio Tavares, da Unicap, encontrou polens dos gêneros *Manihot* e *Hymenaea* e da família das Cucurbitáceas. Os polens de *Manihot* e de Cucurbitácea, apesar de não muito expressivos, podem sugerir alguma plantação e uma aldeia na beira da lagoa, donde seriam trazidos os corpos enterrados no abrigo.

O Prof. Sérgio A. Miranda Chaves, da Fundação Oswaldo Cruz, identificou nos coprólitos também polens dos gêneros *Mandevilla*, *Begonia*, *Tibouchina*, *Attalea* e das espécies *Fevillea trilobata* L., *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. e *Syagrus oleracea* (Mart.) Becc., plantas da caatinga, mas também de *Hymenaea* e *Bactris*, plantas de mata, que reforçam a inferência de área de tensão ecológica como entorno do sítio.

45

Os elementos vegetais que estão junto aos sepultamentos são predominantemente de caatinga: colchonetes, esteiras, pequenos cestos, espata, palha cobrindo os corpos e cordas para amarrar os fardos dos mortos são produtos de palmeiras; em vários sepultamentos há enfeites produzidos com sementes de gindiroba e num deles flores de jitirana, plantas da caatinga.

A tabela indica a quantidade e distribuição vertical das plantas mais importantes nas camadas escavadas.

Vegetais							
Nome popular e científico	Camadas						Total
	1	2	3	4	5	6	
Imbu (<i>spondias tuberosa</i>)	111	402	786	129	1	1	1.435
Coco-catulé (<i>syagrusoleracea</i>)	65	690	568	86	12	8	1.429
Coco-jussara (<i>attalea</i> sp.)	-	23	75	26	5	-	129
Jatobá (<i>hymenaea</i> sp.)	26	41	44	8	-	-	119
Gindiroba (<i>fevillea trilobata</i>)	5	18	56	1	-	-	80
Ameixa-de-espinho (<i>ximenia</i> sp.)	1	8	65	3	-	-	77
Faveleira (<i>cnidoscolus</i> sp.)	6	3	27	-	-	-	36

Tabela 2: Identificação e quantificação de restos vegetais da Furna do Estrago, quadrículas 7 A, B, C, D, E.

46

O imbu e o catulé têm a maior representatividade e aparecem em todas as camadas. As outras cinco espécies estão muito menos presentes. As camadas 3 e 2 (mais a 3 que a 2), de ambiente seco, representam seu clímax de presença, que começa ou aumenta a partir da camada 4, úmida, do Ótimo Climático. É importante observar que na camada 5, que tem os maiores pacotes de cinza, no primeiro crescimento de umidade, esta coleta ainda é insignificante, como também o é na camada 6. Essa diferença das camadas inferiores para as subseqüentes pode representar tanto ambientes diferentes como mudança de hábitos.

Estas são plantas que deixaram resíduos identificáveis. Muitos outros recursos vegetais e animais existentes no ambiente não foram identificados no abrigo, seja em consequência da metodologia usada na recuperação e na análise, seja por ainda não terem sido estudados e divulgados. A lista de plantas nativas comestíveis no Nordeste, produzida por Martin (1997:188 e 189), mostra essa variedade. Os coprólitos, muitos bem conservados, que foram entregues à Fundação Oswaldo Cruz, podem fornecer mais dados novos.

A maior parte dos elementos ligados à alimentação podia ser apanhada no entorno imediato ou mediato do sítio.

OS ARTEFATOS

Uma enumeração e uma descrição geral desses artefatos podem ser vistas em Lima et al., 2012:42-51, 56.

Os objetos deixados nas camadas por caçadores-coletores são pouco representativos e ainda foram pouco analisados. São predominantemente simples lascas de quartzito, sílex e jaspe, raramente de basalto, de produção simples e uso expedito. Dentro de uma cova com cinza foi encontrada a lasca de um machado polido de diabásio escuro. E, na limpeza das pedras que formavam o pavimento da camada 5, apareceu uma lâmina polida de machado de uns 6 cm de comprimento. Em sua dissertação, Jeannette M. D. de Lima (1986) estudou grande volume de conchas inferindo alguns usos. Com os poucos dados existentes não é possível atribuir o material a algum conjunto tecnológico ou cultural já denominado para o Nordeste ou o Centro do Brasil.

Junto aos indivíduos sepultados a partir das camadas superiores, conservou-se rico material em fibras vegetais: esteiras com trançado denso ou simples amarrações distanciadas, pequenos cestos de trançado apertado, cordas grossas para amarrar os fardos funerários e finas para formar uma rede de malha aberta; com elas se enfeitavam braços, firmavam cabelos, se enfeitavam um tacape e uma flauta, se mantinham juntas as contas e outras partes de colares e pendentes. Em madeira foram recuperados tacapes e uma espécie de “cocho”, usado como apoio da cabeça para um morto.

São abundantes os colares, pendentes e outros objetos de decoração pessoal. Colares eram feitos usando contas de carapaça de moluscos terrestres, contas de conchas marinhas, ossos longos de aves e de mamíferos, dentes de felinos, sementes, amazonita, siltito colorido. Pendentes podiam ser de objetos isolados, como espátulas de osso, fragmentos de crânio de macaco ou de clavícula humana, de peles de animais mantendo cabeça, corpo e extremidades, também verdadeiro “colete” de frutos de gindiroba. Com os adornos, indivíduos de todas as idades se “vestiam”, identificavam e distinguiam; não poderiam ficar sem eles na grande viagem para o Além. Os corpos dos mortos também vinham acompanhados de muita hematita, em pó e em pequenos blocos com as superfícies estriadas pelo uso; a hematita que acompanhava o morto também teria ajudado a vesti-lo enquanto vivo. Em osso se conhecem ao menos três flautas e algumas espátulas. A riqueza e variedade desse acompanhamento dos mortos pode-se ver na lista de sepultamentos em Lima et al. (2012: 57–61).

Nas duas camadas superiores havia fragmentos de cerâmica simples na composição e na forma, às vezes sobre lugares de fogo, às vezes associados a sepultamentos que, sendo poucos, ainda não foi caracterizados.

A variedade e riqueza de objetos sugerem que os mortos vinham de uma população que tinha assentamentos estáveis, mas não vivia no abrigo, onde só deixou objetos acabados, estando ausentes os resíduos dessa produção. Nem a cerâmica, da qual aparecem fragmentos isolados e dispersos no abrigo, ali teria sido usada de forma regular.

OS SEPULTAMENTOS

Foram recuperados restos ósseos de ao menos 80 indivíduos, depositados no pequeno espaço escavado (LIMA et al., 2012: 57–66).

48

Os sepultamentos encontrados nos anos de 1982 e 1983 não foram escavados com cuidado, suas características não foram anotadas com a precisão e as fotos tampouco tiradas com a nitidez dos sepultamentos escavados em 1987. Por essa razão, descrevo os sepultamentos da escavação de 1987 a partir do diário detalhado e de fotografias em bom estado, as quais já foram publicadas como anexo no livro de Lima et al. (2012). Complementarmente, uso a publicação, o diário e as fotos de 1983.

Os sepultamentos do abrigo apresentam conservação diferenciada, dependendo da umidade do lugar e da camada em que se encontravam: mais perto da boca a umidade era produzida por respingo das chuvas, no centro do abrigo por umidade residual de profundidade.

Eles foram realizados a partir das camadas 1 e 2, não havendo nenhum registro para origem em camadas inferiores. Eles começam nos primeiros séculos de nossa era, não se conhecendo, com precisão, quando acabam. Eles não foram realizados pelos caçadores-coletores que acampavam no abrigo, mas trazidos para serem ali depositados. Alguns vêm associados com fragmentos isolados de cerâmica, a qual também aparece, da mesma forma, in situ em lugares de fogo nas mesmas camadas.

De forma geral, os sepultamentos são primários, em covas individuais. Existem alguns sepultamentos secundários ou redeposições de ossos de sepulturas atingidas por novos enterros; na superfície, houve cremação de um indivíduo e de ossos soltos.

Os corpos nos sepultamentos primários eram depositados em covas mais ou menos

fundas, forradas com uma pequena camada de folhas desfiadas de palmeira ou de fibras parecidas, bem emparelhadas para formar uma espécie de colchonete. O corpo era trazido flexionado, com as pernas dobradas sobre o tronco, os braços sobre o peito ou ao longo do corpo, com o que se reduzia o tamanho do fardo a ser transportado para enterro e também o tamanho da cova a ser aberta e o espaço a ser compartilhado com muitos outros no mesmo pequeno abrigo. Para manter o fardo compactado e facilitar o transporte, usavam grossas cordas de caroá. Ele era depositado na cova de maneira que o corpo ficasse deitado sobre o lado, esquerdo ou direito, raramente de costas, nunca de bruços. Não se notou uma orientação determinada do corpo com relação à estrutura do abrigo, a elementos geográficos do entorno ou aos pontos cardiais.

A deposição dos corpos de crianças pequenas era menos padronizada com relação a esses itens; em vez de fardo funerário, elas eram levadas para deposição acomodadas em pequenas cestas de fibras de palmeira ou de outro material, ou numa espata de palmeira.

Os corpos dos sepultados eram protegidos da terra que fechava a cova: alguns adultos estavam totalmente envoltos em esteiras (FE 87.6), outros tinham a cabeça protegida por uma cesta de trançado fino (FE 87.23), outros corpos eram cobertos com palha de folhas de palmeira ou de fibras semelhantes (FE 87.8); as crianças pequenas vinham em cesto (FE 87.2) ou espata de palmeira; para crianças maiores, ou adolescentes, se construía um nicho de pedras que cercava e cobria o corpo (FE 87.3, FE 87.10, FE 87.21). Aparentemente não havia animais amigos de carniça para perturbar as covas; só está registrado um caso (FE 87.3) em que a falta de parte da coluna poderia ser atribuída a tal ação.

49

Os mortos de ambos os sexos e de todas as faixas etárias eram enterrados com seus adereços, constituídos por colares, braceletes, pendentes feitos com rodela de osso longo, dentes, cabeças de aves ou pequenos macacos, contas de concha de molusco, de amazonita ou de silito ou sementes de gindiroba. Alguns ainda traziam amarrações de cordas nos braços ou segurando os cabelos. Com a maior parte dos esqueletos, havia semelhantes adereços, geralmente variados, mostrando uma população bem ornamentada ou “vestida” também na morte. Alguns se destacavam: dois adultos traziam flautas, outro vinha acompanhado de um tacape com amarrações de corda, um estava enrolado em duas esteiras de confecção diferente. As desigualdades observadas provavelmente representam diferenças de status durante a vida.

Ao menos um adulto (FE 87.9) foi trazido para o abrigo com os ossos do esqueleto descarnados e acomodados num pequeno espaço como de um cesto.

Na abertura de covas, sepultamentos anteriores foram encontrados, seus ossos novamente depositados ou deixados na superfície, às vezes queimados. Também houve manipulação

para o novo sepultamento. Na camada 2, com pedras chatas cobrindo a sepultura. Sem colchonete e esteira e com 10 contas de osso de ave. Como a cabeça aparecia na parede, na ação de 1983, ela foi recolhida na ocasião para evitar depredação.

Sepultamento 87.2: Criança, em decúbito dorsal completo, membros superiores ao longo do corpo, cabeça em direção sul. Dentro de pequena cesta trançada em folha de palmeira e sobre uma esteira grossa de amarrações distanciadas. Cinco conchas marinhas (*Olivella nivea*), como se fosse um bracelete colocado na frente do corpo, não no braço; pedra facetada de ocre junto ao cotovelo direito, metade da mandíbula de um roedor perto do ocre. Faltavam as extremidades inferiores e parte da extremidade superior esquerda. Na camada 2.

Sepultamento 87.3: Adolescente, fletido, em decúbito lateral direito, cabeça para noroeste, em nicho feito com algumas pedras. Sem esteira, mas sobre colchonete. Com 5 contas de osso de ave. Junto dele, buraco de estaca. A partir da camada 2.

Sepultamento 87.4: Adulto, masculino, fletido, em decúbito dorsal, com os braços dobrados sobre o peito, as pernas dobradas caídas para o lado direito; a cabeça estaria voltada para a entrada do abrigo; sem esteira nem colchonete e com só uma conta de osso de animal. A cabeça fora retirada na escavação de 1983 para evitar depredação porque aparecia na parede.

Sepultamento 87.5: Adulto, feminino, fletido, braços ao longo do corpo, em decúbito dorsal, o corpo voltado SW-S, a face para nordeste. Falta o fêmur direito, retirado por ocasião do sepultamento 87.1, que repousava atravessado no côncavo formado entre as pernas e as costelas. Indícios de esteira e colchonete; sem colar, mas com dois fragmentos de ocre sobre o peito. Os enfeites possivelmente tenham sido retirados quando da abertura da cova sobre ele para o sepultamento 87.1.

Sepultamento 87.6: Adulto de 30–35 anos, masculino, fletido, a cabeça para o interior do abrigo (sudoeste), com colchonete, uma esteira simples com amarrações afastadas, uma esteira com trançado denso e fechado; dois colares somando 78 contas de osso de ave; sobre o peito 5 crânios de animais, provavelmente como enfeite sob a forma de peles com cabeças e pés; o corpo envolto em ocre.

Sepultamento 87.7: Adulto, só os membros inferiores, fletidos, paralelos como em posição dorsal, envoltos em palha; tronco aparentemente cortado, mas sem indícios de perturbação do que ficou; sem colchonete nem enfeites.

Sepultamento 87.8: Adulto, masculino, fletido, cabeça em direção à boca do abrigo. Corpo e pernas envoltos em palha. Colares com 33 contas de osso de animal, 105 contas feitas a partir de carapaça de molusco terrestre, sementes de gindiroba e 12 fragmentos vegetais. Sobre o peito, um macaquinho ou ao menos o crânio dele.

SEPULTAMENTO 87.17: ADULTO, MASCULINO.

Sepultamento 87.18: Adulto 30–35 anos, masculino, secundário, os ossos reunidos cuidadosamente como se estivessem num cesto de base retangular: na parte mais baixa, estavam os ossos pequenos, como as vértebras, os ossos das mãos e dos pés; em cima deles, os ilíacos; no meio, a calota craniana; ao redor e por cima, os ossos longos, não na posição correta, mas paralelos. O sacro se encontrava diante da face. Estavam junto com os ossos, em posições variadas, 3 contas de amazonita, 3 contas de conchas terrestres e 5 contas de ossos de ave. Por baixo do pacote, havia um fragmento de cerâmica.

Sepultamento 87.19: Criança, com apenas alguns ossos, parte da calota craniana e a boca com dentes, espalhados no buraco já observado nas camadas anteriores nos cortes 2-a e 1-a.

52

Sepultamento 87.20: Adulto, feminino, pacote de ossos de um esqueleto, organizados em pequeno espaço como se fosse num cesto.

Sepultamento 87.21: Adolescente, fletido, em decúbito lateral direito, cabeça para o fundo do abrigo, em nicho de pedras. Restos de esteira sobre a bacia. Contas de colar de osso e dente de felídeo e conchas.

Sepultamento 87.22: Criança em decúbito dorsal, cabeça para o sul, sem vestígios de esteira.

Sepultamento 87.23: Adulto, masculino, fletido, em decúbito lateral direito, a cabeça para NW. A cabeça estava protegida por uma cestinha de fina trama, o corpo coberto por uma esteira e envolto em palha organizada. Vinha acompanhado de 15 contas de osso de ave, 7 contas de molusco terrestre aneladas, muito corante, inclusive blocos sólidos. Na cova foram achados três bicos de aves, que teriam formado uma pendente sobre o peito.

O indivíduo do sepultamento secundário, com os ossos acomodados no espaço de um pequeno cesto, poderia ter sido transportado de mais longe, depois de liberado das partes moles. Talvez haja outros, mas para eles o registro não é tão claro.

Do exame feito em 60 esqueletos, Marília Alvim chegou à conclusão de que se tratava de uma população homogênea de braquicéfalos. Entre os indivíduos estudados foram identificados 9 lactentes, 7 crianças, 5 adolescentes, 2 subadultos, 16 adultos, 16 adultos maduros e 1 adulto velho (ALVIN apud MARTIN, 1997: 69). O fato de haver no cemitério desde lactentes até adultos maduros e um adulto velho sugere que nele era depositada a população de uma aldeia, que estaria próxima, de modo que o corpo, depois de preparado, podia ser facilmente transportado para o cemitério. O fato de a posição dos esqueletos dentro dos fardos não ter sofrido perturbações no transporte e os invólucros e as coberturas estarem intactos também indica nessa direção. Naquele momento não houve investimento para localizar o lugar dessa aldeia.

O grupo da Furna do Estrago apresentava constituição robusta com estatura média de 1,60 m para os homens e 1,52 m para as mulheres; crânios arredondados de grande e média altura e capacidade craniana também média de 1.419 cm³ para os crânios masculinos e 1.374 cm³ para os femininos (ALVIN apud MARTIN, 1994: 69).

O grande número de deposições no abrigo e as datas de C14 de alguns deles indicam que a aldeia de origem teria durado várias gerações ou que várias aldeias se sucederam no lugar.

53

O SÍTIO NA PERSPECTIVA REGIONAL

Resumindo os dados acima expostos, conseguimos a seguinte compreensão do sítio: um pequeno abrigo rochoso, na baixa encosta de uma serra, em ambiente de tensão ecológica com uma lagoa permanente, no qual, durante milênios, desde a passagem do Pleistoceno para o Holoceno, acamparam populações de caçadores-coletores e, nos primeiros séculos de nossa era, uma outra população, provavelmente assentada junto à lagoa, depositava os seus mortos.

A população de caçadores-coletores deixou camadas espessas e contínuas de cinzas que indicam permanências longas, mas também fogueiras rápidas de estadas curtas; durante umas e outras ela se mantinha de caça e coleta no ambiente do entorno, que foi sofrendo modificações através dos milênios, como se pode inferir da composição das camadas arqueológicas e dos restos animais e vegetais nelas preservados.

A população que depositava seus mortos no abrigo não morava nele, mas na proximidade, provavelmente em aldeia duradoura, e se distinguia etnicamente da anterior.

No teto do abrigo e em blocos rochosos próximos há umas poucas pinturas, para cuja ligação com moradores concretos não há dados suficientes.

Tanto Lima (2001) quanto Mendonça de Souza (1995) concluíram que a população depositada na Furna do Estrago estava bem adaptada ao ambiente, era estável e sadia.

A Furna do Estrago não é um fenômeno isolado no Agreste pernambucano, mas parte de um povoamento amplo de características semelhantes. Para sua demonstração basta ler alguns parágrafos do capítulo sobre as áreas arqueológicas no Nordeste da Pré-história do Nordeste do Brasil, de Gabriela Martin (MARTIN, 1997:131–135).

54 Neles Gabriela Martin conta como, junto com Alice Aguiar, realizou o levantamento de sítios com registros rupestres em áreas do Agreste pernambucano, tomando como epicentro a microrregião de Arcoverde, entre os municípios de Taquaritinga do Norte, Brejo da Madre de Deus, Alagoinha, Venturosa, Pedra, Buíque, Brejinho, Passira e Paranatama (Ver mapa da Figura 1). O foco eram as pinturas rupestres da tradição Agreste, mas o projeto englobava o conhecimento dos grupos étnicos autores das pinturas, de seu hábitat e de outras variáveis arqueológicas relacionadas aos sítios. Gabriela Martin observou que determinados grafismos rupestres, considerados pertencentes a essa tradição, foram pintados em abrigos ou matacões rochosos que apresentavam semelhanças entre si e tinham sido escolhidos por suas condições de habitabilidade e que os “grupos do Agreste”, em Pernambuco, na região de Arcoverde e dos Cariris Velhos no sul da Paraíba, situaram-se em áreas de várzea ou de piemonte, perto de uma fonte d’água, mesmo limitada. Em alta porcentagem de casos, colocavam o cemitério do grupo em lugar próximo ao sítio em que realizavam as pinturas.

Na continuidade, Gabriela Martin apresentou os dados de 4 sítios da região: os sítios Peri-Peri e Pedra do Tubarão, em Venturosa; o sítio Alcobaça e outro abrigo escavado por Marcos Albuquerque, em Buíque, que apresentam características comuns entre si e com o sítio da Furna do Estrago.

O sítio Peri-Peri, em Venturosa, segundo Martin, está constituído por dois pequenos abrigos, um “boqueirão” a 100 m, que forma um pequeno açude, onde se acumula água de chuva quase todo o ano e outro pequeno abrigo chamado Morro dos Ossos, que foi usado como cemitério. Constatou-se uma ocupação mais antiga de caçadores, que utilizavam uma indústria lítica basicamente constituída por lascas de quartzo e alguns artefatos em sílex, granito e arenito, entre os quais buris, raspadores, percutores e um “chopper”, e uma segunda ocupação, mais recente, que proporcionou abundantes restos de lascamento, fragmentos de cerâmica com acabamento escovado na superfície e ossos de fauna de pequeno porte. Datação: 1760 +- 90 AP (GIF 808) e 2030 +-50 AP (CSIC 605).

O Sítio Pedra do Tubarão, também em Venturosa, é formado por um grande matacão de granito partido em dois, que oferece um abrigo bem protegido. A 200 m existe uma necrópole indígena, conhecida como Cemitério do Caboclo. Há um olho-d'água nas proximidades. Foi escavada, também, uma parte do Cemitério do Caboclo, onde se constatarem enterramentos secundários, alguns dos quais em covas onde os ossos humanos foram lançados depois de quebrados propositadamente. Alguns conjuntos de ossos, de vários indivíduos, foram queimados no mesmo local. O enxoval funerário consistia em contas e pingentes de ossos, ágata e sementes, alguns finamente trabalhados.

O sítio Alcobaça, em Buíque, está situado em um pé de monte, num vale fechado em forma de ferradura, a 800 m sobre o nível do mar; tem um olho-d'água perene situado a menos de 50 m do abrigo. Uma sondagem, feita durante o levantamento, evidenciou a presença de enterramentos secundários com ossos humanos queimados e restos de cestaria finamente trançada. Os ossos apresentavam restos de pigmento vermelho; acompanhavam o conjunto fúnebre, cascas de cocos, coquinhos, óxido de ferro (ocre) com marcas de uso, um fragmento de cerâmica e um pilão de rocha. Do carvão vegetal, obtiveram-se duas datações de C14: 1785 +- 49 A (CSIC 1070) e 1766 +- 24 AP (CSIC 1026).

55

Segundo Martin (2005), escavações posteriores demonstraram que todas as estruturas funerárias eram secundárias, que se utilizou o ritual de cremação em enterramentos coletivos e que em alguns casos os corpos foram envolvidos em esteiras de palha. As 24 datações do CSIC, listadas pela autora, cobrindo de 4.851 +- 30 anos AP a 888 +- 25 anos AP, mostram que durante aproximadamente 4 mil anos o sítio Alcobaça foi visitado por grupos indígenas que o utilizaram como acampamento temporário, com ocupações mais ou menos demoradas. Teriam sido grupos ceramistas e, seguramente, também agricultores de pequenas roças de subsistência. Durante o período compreendido entre 2.500 e 1.500 anos AP, em números redondos, o sítio também teria sido utilizado como cemitério.

O abrigo escavado por Marcos Albuquerque apresentou uma coluna cronológica de ocupação de 2780 +- 190 AP (BaH 1256) a 6640 +- 95 AP (BaH 1053); nele se localizaram enterramentos primários depositados em covas forradas com fibras trançadas. Alguns crânios estavam cobertos com uma espécie de cesta ou coifa, também de fibras trançadas (MARTIN, 1997:321-322).

Estes sítios, como também o da Furna do Estrago, apresentam ocupações antigas de caçadores-coletores usando um instrumental lítico simples, feito sobre matérias-primas locais; com suas ocupações pode-se rastrear o povoamento da região do começo do

Holoceno até o início de nossa era. E eles apresentam uma ocupação dos primeiros séculos de nossa era, com presença de cerâmica, sepultamentos acompanhados de variados adornos e trançados e, quem sabe, alguns cultivos, que marcam o povoamento que antecede a chegada do colonizador europeu. São os antecessores, possivelmente os antepassados, dos grupos Kariri, agricultores, que, no período colonial, ocupavam a região; desses grupos, existe na região a Terra Indígena Xucuru (LIMA et al., 2012:102–107). A ligação com os aldeões que enterravam seus mortos nos abrigos não é evidente, mas sugerida, e abre novas perspectivas para sua compreensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Jeannette Maria Dias de. 1986. *Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

LIMA, Jeannette Maria Dias de. 2001. *El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil en una perspectiva antropológica y social*. Tese de Doutorado, Universidad Nacional Autónoma de México, México. (Versão inicial e provisória da tese de doutorado, não paginada).

LIMA, Jeannette Maria Dias de; SCHMITZ, Pedro Ignácio; MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria Ferraz; e BEBER, Marcus Vinicius. 2012. “A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus, PE.” *Pesquisas, Antropologia* n. 69, pg. 5–140.

MARTIN, Gabriela. 1997. *Pré-História do Nordeste Brasileiro*. Recife: Editora Universitária, UFPE.

MARTIN, Gabriela. 2005. As pinturas rupestres do sítio Alcobaça, Buíque, PE, no contexto da tradição Agreste. *CLIO Arqueológica* Nº 18: 27–49.

MENDONÇA DE SOUZA, Sheila Maria Ferraz. 1995. *Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos*. Tese de Doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Brasil.